

A intervenção na Cerca do Mosteiro de São Martinho de Tibães, em Braga



Luís Ferreira Alves

A Igreja vista do laranjal após a recuperação do muro da Cerca



Luís Ferreira Alves

A manutenção das técnicas tradicionais de cultivo e da produtividade do solo como factor essencial na recuperação de Jardins Históricos

A Cerca do Mosteiro desenvolve-se sobre a encosta Norte do Monte de São Gens, ocupando 43ha. Dentro deste território, fechado por 2,7km de muro em alvenaria rebocada, localizam-se a Igreja, os edifícios conventuais, a Quinta da Ouriçosa, o Passal, Matas, Terras de Pão, Hortas, Pomares, Laranjais e Pastagens. Todos estes usos se organizam numa estrutura perfilada por ruas, muros, escadas, fontes e tanques, elementos construídos durante o programa beneditino dos séculos XVII a XVIII e que configuram no seu conjunto, mais do que um lugar de agricultura de rendimento, um espaço de contemplação, recreação e experimentação.

Com a extinção das Ordens Religiosas, em 1834, o mosteiro é encerrado e boa parte dos seus bens é vendida em hasta pública.

No século XIX e ainda em parte do seguinte, enquanto propriedade privada, a Cerca é mantida na função de Quinta de Recreio associada à exploração agrícola. A descrição das suas "belezas" ficou retratada em artigos de revista e de jornais da época.

Mas, em sintonia com o desmoronar do tecido rural, a Cerca de Tibães transforma-se, sendo gradualmente dominada pelo crescimento espontâneo da vegetação, o que permitiu o refúgio de muitas espécies da fauna e flora. A ausência de acções de manutenção levou à ruína de parte da componente construída.

A partir da aquisição do Mosteiro pelo Sector da Cultura do Estado, em 1986, procurou-se desde o início salvar, estudar, divulgar e dinamizar o conjunto, trabalhando a referência à comunidade que o construiu e habitou.

A intervenção na Cerca foi entendida dentro do quadro de uma ligação estreita entre o recuperar da parte

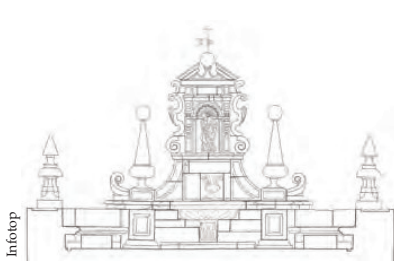
agrícola tradicional e silvícola e o recuperar da parte construída, associando a protecção dos habitats que permitiram a sobrevivência das espécies de fauna e flora autóctones. A conservação e/ou restauro seriam mobilizados para o tratamento das obras de arte aí integradas.

A metodologia de intervenção deu lugar à constituição de uma equipa técnica "permanente" que, além do arquitecto paisagista e do historiador, incluiu o arqueólogo, o arquitecto e o conservador restaurador.

No estudo da documentação de arquivo, auxiliar precioso ao longo do processo, crivaram-se as datas de construção, a identidade dos executores, preços e materiais, dados que nos permitem ir construindo, não só, uma narrativa de factos, mas também de sentido em torno do sítio. E que nos permitem, ainda, perceber, através da repetição frequente de trabalhos – pintura das fontes, caiação e reparação de muros, limpeza de minas, plantações, enxertos..., que manutenção, conservação e construção não eram actividades isoladas ou de excepção mas que faziam naturalmente parte do mesmo ciclo de vida. Mais do que na recuperação de estruturas construídas, é na recuperação da estrutura paisagística – solos, vegetação, caminhos, águas, culturas agrícolas tradicionais, ramadas..., que se torna evidente e imprescindível a rotina da manutenção. Trabalhar com seres vivos equivale a uma definição diária e contínua da paisagem.

Este trabalho está confiado a jardineiros, pessoas com origem na zona e com passado na actividade agrícola, dominando, portanto, o saber tradi-

Tema de Capa



Levantamento desenhado da Fonte de São Pedro que serviu de base para o registo das patologias



O conservador restaurador trabalha com o canteiro na recuperação do Chafariz de São João



As crianças na horta contactam com os verdadeiros cereais

cional, e que foram integrando, a par e passo com o trabalho do arquitecto paisagista, outras formas de funcionar em adequação aos requisitos do projecto patrimonial: onde é a toca da raposa, qual a temperatura, humidade e concentração de herbicida para o combate às mimosas, quem na freguesia tem a melhor semente de feijão canário ou a mais bonita junta de bois para ajudar na desfolhada...

Em algumas matérias técnicas recorremos a especialistas: o Eng.º Agrónomo António Fernandes da Silva da DRAP-Norte, Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Norte, que apoia na cultura do linho, o arboricultor Jorge da Fundação de Serralves, que tratou das grandes árvores, os biólogos do ICETA, Instituto de Ciências e Tecnologias Agrárias e Agro-Alimentares, o apicultor do PNPG, ou o coveiro e mineiro da região...

Os elementos vivos e construídos têm aqui em comum a água. Base de vida, é neste jardim barroco base da animação através dos diversos chafarizes e fontes. Funciona também como elemento de degradação quando os rebocos e cavaletes dos muros deixam de existir ou os aquedutos de drenagem não funcionam.

Começámos então a recuperação pelas estruturas associadas à água: minas, aquedutos, muro exterior da cerca, tanques, fontes e chafarizes, tendo por objectivo a reposição do seu funcionamento e a desaceleração do processo de desgaste dos materiais. Como critério, a "intervenção mínima" e a harmonia de conjunto ou de síntese. Como recursos técnicos, os tradicionais, de preferência.

Vejamos, por exemplo, a intervenção num chafariz, sem entrar nas metodologias específicas do restauro.


Levantamento desenhado e cotado, registos e fotografias que permitem o mapeamento e a quantificação das patologias; as fontes históricas são estudadas, outros chafarizes análogos foram observados; especialistas são consultados, tentamos chegar ao conhecimento o mais aprofundado possível (limite imposto por custos e tempo) do objecto. Seguem-se as discussões entre os vários intervenientes e as análises dos vários pontos de vista, pois dos objectivos acima descritos há sempre um que tem que prevalecer (a fonte do claustro não é uma peça excepcional, mas duraria mais tempo se não fosse sujeita ao processo de seco/molhado, mas o claustro precisa de todas as suas componentes para ter unidade e leitura, logo o funcionamento da fonte é imprescindível, mesmo que para isso seja preciso refazer o bordo em falta na taça). Fixada a solução orientadora define-se a intervenção: tipo de produtos, limpezas, tempos, reintegrações. A equipa de manutenção da Cerca fecha a água, tira os peixes do tanque e procede, conforme definido, à aplicação periódica do biocida. Entra aqui uma nova fase de procedimentos obrigatórios que culminará com a adjudicação aos empreiteiros e conservadores restauradores.

Na intervenção no chafariz há várias artes que se cruzam. Algumas tradicionais, como abrir valas para tubagem, preencher juntas, fundir um bico em bronze, talhar a pedra para colmatar uma lacuna. Outras que implicam o domínio de técnicas contem-

porâneas, como limpar, consolidar, hidrofugar, colar, realizadas por conservadores restauradores.

A fiscalização, coordenação e assistência pertenceu à equipa técnica do IPPAR. O chafariz vai-se mostrando diferente, questiona-se o preconizado, surgem dúvidas, alternativas e soluções. Finalizado este processo há que definir os termos da manutenção, monitorizada pelos jardineiros, que alertam quando surgem alterações. Periodicamente o chafariz é visitado, o que nos permite avaliar o envelhecimento que, por exemplo, diferentes cargas de pedra transmitem às lacunas colmatadas com pedra e resina. Reaprendemos para melhor intervir.

A intervenção em curso tem sido enquadrada, em termos de financiamento, em candidatura ao II e III Quadros Comunitários de Apoio.

O relacionamento com a Comunidade local evidenciou o esgotamento das vivências rurais. Recuperando saberes, semeámos o linho, o lúpulo, o nabal e o batatal, voltámos a enforçar vinhas e a regar por regos. O contacto com os públicos, particularmente o escolar, mostrou-nos que podemos falar de património com vida, que natureza e cultura não se opõem e que passado e futuro fazem parte do presente. 

MARIA JOÃO DIAS COSTA,
Arquitecta Paisagista do Mosteiro
de São Martinho de Tibães

diascosta@ippar.pt
msmtibaes@ippar.pt
www.geira.pt/msmtibaes
www.mosteirodetibaes.org